

PERSPECTIVAS LINGUÍSTICAS SOBRE A NOÇÃO DE ESTILO

Maria Antónia Coutinho

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

1. Introdução

Que qualquer produção linguística fica necessariamente marcada em termos de estilo, é um facto que tem sido suficientemente sublinhado¹. Apesar de reconhecida como inevitável, a dimensão estilística permaneceu, não apenas entre nós, à margem das tarefas de descrição e análise linguísticas – verificando-se hoje, pelo contrário, um movimento inequívoco de reconsideração e revalorização desta problemática². É neste contexto que se insere a presente comunicação – propondo-se sublinhar a centralidade da noção de *estilo*, numa perspectiva de linguística do texto. Não se tratará de reconstituir a evolução da noção de estilo nem de equacionar questões de história da(s) estilística(s)³. Serão apenas recuperados alguns marcos tidos como fundamentais para o processo de revalorização da noção de estilo, em linguística. Ou, se preferirmos, utilizando os termos de Jean-Michel Adam, para definir “les conditions d'une réintégration du style dans une théorie de la langue et du texte.” (ADAM, 1996, 12)

¹ Entre outras referências, pode-se lembrar Genette, afirmando, de forma lapidar – e por isso frequentemente citado – que qualquer texto tem estilo (GENETTE, 1991, 135). Também entre nós se tem dado relevo a esse mesmo ponto de vista. Para além do contributo de Herculano de Carvalho – que será à frente retomado, mais pormenorizadamente – poder-se-á citar Fernanda Irene Fonseca: “A noção de estilo há muito extravasou do domínio literário e foi considerada como inerente a qualquer prática linguística e, mais radicalmente, como inerente a qualquer prática.” FONSECA, 1992, 49.

² Veja-se a multiplicidade de publicações dedicadas a questões de estilo, na bibliografia linguística de língua francesa – de que poderão dar conta, ainda que não de forma exaustiva, as referências bibliográficas no final deste artigo.

³ Sobre esta questão, poderá consultar-se a obra recente de Étienne Karabétian, precisamente intitulada *L'histoire des stylistiques* (KARABÉTIAN 2000).

2. Estilo e intenção estética

O nome de Charles Bally é referência obrigatória em matéria de estilo ou estilística. Um aspecto essencial da perspectiva deste autor tem a ver com a oposição entre *língua espontânea* (ou *natural*), por um lado, e *estilo* e *língua literária*, por outro. Tanto estilo como língua literária estão associados a uma visão estética do mundo e das coisas: mas enquanto o primeiro corresponde à expressão criativa ou artística, a língua literária é entendida como resíduo de estilos acumulados, ao longo de gerações⁴. A língua espontânea, por sua vez, caracteriza-se pela ausência de intenção estética – manifestando no entanto (tal como o estilo) efeitos expressivos, afectivos ou de sensibilidade. São esses efeitos – tidos como “germes du style” (BALLY, 1952, 61) – que deverá descobrir a estilística interna preconizada por Bally:

La tâche de la stylistique interne est précisément, tout en se confinant dans la langue commune, de mettre à nu les germes du style, de montrer que les ressorts qui l'actionnent se trouvent cachés dans les formes les plus banales de la langue.

Bally, 1952, 61

São dois os aspectos assim assumidos, que vale a pena sublinhar: por um lado, que os efeitos estilísticos (criadores) se encontram contidos na própria língua espontânea – sem serem, no entanto, deliberadamente pretendidos ou procurados⁵; por outro, que o estilo (no sentido de estilo literário ou artístico) se serve dos mesmos recursos – os recursos linguísticos – que permitem os efeitos criadores não literários⁶.

Por outro lado, Bally reconhece que também na língua espontânea pode haver intenção estética – mas considera que ela é suplantada pelas necessidades decorrentes do que chama “função natural e social da linguagem”:

Ne soyons pas trop absous, cependant, et disons que cette intention, quand elle existe chez le sujet parlant, est constamment refoulée à l'arrière-plan par les nécessités impérieuses auxquelles obéit le langage dans sa fonction *naturelle* et dans sa fonction *sociale*: besoin d'adapter son expression aux mille exigences de

⁴ Bally opõe “style créateur” a “langue littéraire consacrée et organisée”. Cf. BALLY, 1952: 27

⁵ “Un gamin des rues emploie des mots pittoresques et façonne ses phrases d'une manière imprévue et piquante; il fait du style sans le savoir.” BALLY, 1952, 27

⁶ Bally evita sistematicamente a confusão entre *estilo* e criação espontânea: “(...) les créations du style d'un écrivain et les créations du langage spontané (...)”, “(...) trouvailles spontanées du parler et trouvailles du style, (...).” BALLY, 1952, 28

la vie, besoin de dire ce qu'il importe de dire, besoin de tenir compte du ou des interlocuteurs, de se faire comprendre, de faire prévaloir sa pensée, etc.

Bally, 1951, 179-180 (sublinhado meu)

Como se pode constatar, os aspectos apontados por Bally poderiam hoje ser (re)formulados em termos enunciativos e argumentativos – ou apenas, de forma englobante, pragmáticos. Fica assim em evidência que, ao falar de “língua espontânea”, Bally não pressupõe uma espontaneidade absoluta – no sentido de um mero exercício de expressão passiva e automática. A língua dita espontânea só o é relativamente à procura deliberada de valor estético – o que não impede a intenção de observar critérios de eficácia comunicativa ou adequação social. (ou mesmo o esforço, mais ou menos consciente, para os atingir). A oposição entre língua espontânea e língua literária, que assenta no critério de ordem estética, é de certa forma complementada pela consideração da língua literária como sendo apenas um dos casos das “línguas especiais” – “aux côtés de la langue administrative, de la langue scientifique, de la langue des sports, etc.” (BALLY, 1952,28).

3. Estilo e adequação linguística

Independentemente da presença ou ausência de intenção estética, qualquer produção linguística implica escolhas (mais ou menos conscientes), que correspondem a um *trabalho de formulação* a que, em última análise, se poderá chamar *estilo* – não no sentido de “língua artística”, segundo Bally, mas na perspectiva, que diríamos hoje pragmática, magistralmente definida por Herculano de Carvalho, já nos anos sessenta⁷:

A esta adequação das formas que constituem o saber linguístico de um sujeito falante às finalidades específicas de cada um os seus actos de fala daremos o nome de estilo.

Carvalho, 1967-1983⁶, 302

Sublinhando que a adequação pode ser tomada como escolha, por parte do sujeito, de meios linguísticos apropriados a uma determinada finalidade, Herculano de Carvalho desenvolve-a sobretudo como manifestação das características formais que, num determinado produto verbal, dão conta da relação

⁷ O autor filia a definição proposta no pensamento de La Bruyère, citado em nota de rodapé (CARVALHO, 1967-1983⁶, 302-303, n.11).

entre meios linguísticos e finalidades – de que decorre a hipótese de textos com funções (parcialmente) idênticas manifestarem uma idêntica adequação linguística (ou idênticas propriedades formais)⁸. A confirmação desta hipótese é assumida pelo autor através da identificação de dois estilos (isto é, dois modos de adequação linguística) que, abstraindo de todas as possibilidades intermédias, podem ser tomados como opostos:

- o estilo coloquial: frequentemente realizado na modalidade oral (que não é, no entanto, exclusiva), está associado a situações de comunicação quotidiana em que prevalecem intenções práticas e imediatas, verificando-se normalmente um baixo nível de consciência, por parte do sujeito falante, relativamente ao processo de adequação estilística;
- o estilo reflectido: predominantemente realizado na modalidade escrita (que também não é exclusiva), está associado a situações de elaboração intelectual (de carácter especulativo ou estético) e de actuação social, verificando-se altos níveis de consciência, por parte do sujeito falante, relativamente ao processo de adequação estilística⁹

Vale a pena confrontar coincidências e assimetrias, nas perspectivas dos dois autores em causa. Tanto a noção de *língua espontânea* (Bally) como a de *estilo coloquial* (H. de Carvalho) têm a ver com situações de comunicação quotidiana; mas enquanto Herculano de Carvalho parece reduzi-la a casos de comunicação simples e imediata (altamente estereotipada, pela elevada frequência de uso, no quotidiano¹⁰), Bally enfatiza, como atrás se viu, a importância de múltiplos factores contextuais. Por outro lado, à oposição entre *língua espontânea* e *língua literária*, em função do critério estético, parece necessário acrescentar a divisão entre *língua espontânea* e *línguas especiais* – como a literária, a administrativa, a científica, a do desporto, etc.. E se o âmbito literário e artístico a que se referem as noções de *língua literária* e *estilo*, para Bally, ficam muito aquém das possibilidades de ocorrência do *estilo reflectido* – associadas a circunstâncias de ordem científica, cultural ou política, para além da literária – a assimetria parece resolver-se quando se tomam em consideração línguas especiais e usos contextualizados. Veja-se, esquematicamente representada, a análise proposta:

⁸ Vale a pena sublinhar que Herculano de Carvalho não deixa de assinalar o carácter único e irrepetível de cada produção linguística.

⁹ Cf. CARVALHO, 1967-1983⁶, 304-312.

¹⁰ Como mostram os exemplos referidos pelo autor: “Dá-me um copo de água”, “Abre essa janela”, “Bom dia”, entre outros. Cf. CARVALHO, 1967-1983⁶, 305.

	Ausência de critério estético	Critério estético
Bally	<p><i>Língua espontânea</i> situações de comunicação quotidiana</p> <p>simples e estereotipada</p>	<p><i>Língua literária e estilo</i></p> <p>condicionada por factores pragmáticos (não necessariamente argumentativos)</p> <p>âmbito literário/artístico</p>
	<i>Língua espontânea</i>	<i>Línguas especiais</i>
		<p>Língua administrativa, científica, do desporto, ...</p> <p>e língua literária</p>
H. de Carvalho	<p><i>Estilo coloquial</i> comunicação quotidiana, simples e estereotipada</p>	<p><i>Estilo reflectido</i></p> <p>circunstâncias de carácter científico, cultural, político, ou literário</p>
Critérios [pragmáticos] de adequação à situação		

Nas duas propostas, estão em causa produções linguísticas – mas também as circunstâncias sociais e institucionais em que elas emergem. Importa, por isso, tomar em consideração a noção de *género* – tendo em conta, em particular, a perspectiva de Bakhtine, pioneiro na revalorização linguística desta problemática que articula, de resto, com a noção de estilo¹¹.

4. O estilo como componente de género

Sem pôr em causa o carácter único de cada produção verbal, Bakhtine sublinha a necessária relação com uma determinada esfera de actividade humana, daí passando para a concepção de *géneros do discurso*, enquanto formas estáveis (orais ou escritas) associadas a cada esfera de actividade – caracterizáveis pelas regularidades associadas ao conteúdo temático, à construção composicional e ao estilo:

Ces trois éléments (contenu thématique, style et construction compositionnelle) fusionnent indissolublement dans le tout que constitue l'énoncé, et chacun d'eux

¹¹ Está fundamentalmente em causa “Les genres du discours”, texto do início da década de cinquenta que integra o volume *Esthétique de La création verbale* – publicado postumamente em 1979, em Moscovo, data de 1984 a edição francesa, da responsabilidade da Gallimard (BAKHTINE 1984). Sublinhe-se o papel de Todorov – que prefacia o volume referido – na tradução da obra de Bakhtine e na divulgação do seu pensamento.

est marqué par la spécificité d'une sphère d'échange. Tout énoncé pris isolément est, bien entendu, individuel, mais chaque sphère d'utilisation de la langue élaboré ses types relativement stables d'énoncés, et c'est ce que nous appelons les genres du discours.

Bakhtine, 1984, 265

Bakhtine refere como exemplos a réplica breve do diálogo quotidiano, a narrativa familiar, a ordem militar estandardizada, o repertório de documentos oficiais, o discurso dos publicitários – sendo este último termo, curiosamente, tomado em sentido lato, de forma a abranger a vida social e política; são ainda explicitamente associados aos géneros do discurso as produções literárias (sublinhando aliás Bakhtine o facto de serem os géneros literários os mais estudados) e as produções científicas – ou, mais exactamente, “as formas variadas da exposição científica”¹². Ficam assim sugeridas áreas de utilização da linguagem, que variam entre as situações menos formais (como as do quotidiano) e os contextos sociais e institucionais a que, de alguma forma, se ligam práticas socioprofissionais (instituição militar, publicidade, actividade política, literária e científica).

Assinalando a dificuldade de descrição associada à grande heterogeneidade dos géneros, Bakhtine considera que ela possa ser organizada, ainda que parcialmente, tendo em conta uma subdivisão de géneros. Distingue assim:

- os géneros primeiros (ou simples), associados a trocas verbais espontâneas;
- os géneros segundos (ou complexos), associados a circunstâncias culturais de natureza artística, científica ou sociopolítica (como o romance, o teatro, o discurso científico ou ideológico); privilegiando normalmente a modalidade do escrito, constituem-se por absorção e reorganização dos géneros primeiros.

Poder-se-á naturalmente admitir o paralelismo entre *géneros primeiros* e *estilo coloquial*, por um lado, *géneros segundos* e *estilo reflectido*, por outro. Mas esse paralelismo significa também admitir que, a cada um dos estilos postulados por Herculano de Carvalho, correspondam diferentes géneros – formas, ou modelos textuais, social e culturalmente associados às circunstâncias de comunicação, que os falantes conhecem (implicitamente) e dominam. Esse conhecimento – que poderá ser visto como uma questão de competência textual – constitui um recurso fundamental para que o trabalho de formulação / adequação linguística (ou estilo, no sentido de Herculano de Carvalho)

¹² Cf. BAKHTINE, 1984, 266.

não constitua, em cada caso, um esforço inviável de criação absoluta – como sublinhou o próprio Bakhtine:

Nous apprenons à mouler notre parole dans les formes du genre et, entendant la parole d'autrui, nous savons d'emblée, aux tout premiers mots, en pressentir le genre, en deviner le volume (la longueur approximative d'un tout discursif), la structure compositionnelle donnée, en prévoir la fin, autrement dit, dès le début, nous sommes sensibles au tout discursif qui, ensuite, dans le processus de la parole, dévidera ses différenciations. Si les genres du discours n'existaient pas et si nous n'en avions pas la maîtrise, et qu'il nous faille les créer pour la première fois dans le processus de la parole, qu'il nous faille construire chacun de nos énoncés, l'échange verbal serait quasiment impossible.

Bakhtine, 1984, 285

O domínio dos géneros passará, certamente, pelo (re)conhecimento do repertório disponível – num dado contexto, ou numa dada actividade. Mas implicará também a capacidade de gerir adequadamente, para cada género, a articulação entre as três componentes que definem a sua identidade – a saber, tema, estrutura composicional e estilo.

Postulando uma relação indissociável entre género e estilo, Bakhtine é levado a distinguir *estilos individuais* e *estilos de língua*. Os primeiros traduziriam a individualidade do sujeito que fala ou que escreve – havendo então a distinguir géneros permissivos ao estilo individual (de que os géneros literários seriam o melhor exemplo) e géneros que, exigindo uma forma altamente estandardizada, o rejeitam em absoluto (como os documentos oficiais e militares). Apesar dessa distinção, o autor acaba por definir o estilo individual como um epifenómeno, meramente complementar, que não participa propriamente dos objectivos do enunciado – constituindo excepções a esta constatação os géneros ditos artísticos ou literários. Será então o que Bakhtine chama *estilo de língua* (ou estilo de função) que surge como inerente ao género, justificando-se este, por sua vez, em termos de adequação à esfera de comunicação em causa:

En fait, le style de langue ou de fonction n'est rien d'autre que le style d'un genre propre à une sphère donnée de l'activité et de la communication humaine. Chaque sphère connaît ses genres, appropriés à sa spécificité, auxquels correspondent des styles déterminés.

Bakhtine, 1984, 269

Explicitando, na sequência desta passagem, a dupla articulação do géneros com a função que assume o discurso e com as condições específicas de cada

esfera de comunicação, Bakhtine reitera também a ideia de que cada género se caracteriza por uma relativa estabilidade, a verificar-se nos planos temático, composicional e estilístico. Embora à primeira vista estes três aspectos pareçam em pé de igualdade, o plano estilístico assume afinal uma posição de destaque, determinando os outros dois (ou sendo por eles determinado):

Une fonction donnée (scientifique, technique, idéologique, officielle, quotidienne) et des conditions données, spécifiques pour chacune des sphères de l'échange verbal, engendrent un genre donné, autrement dit, un type d'énoncé donné, relativement stable du point de vue thématique, compositionnel et stylistique. Le style est indissociablement lié à des unités thématiques déterminées et, ce qui est particulièrement important, à des unités compositionnelles: type de structuration et de fini d'un tout, type de rapport entre le locuteur et les autres partenaires de l'échange verbal (rapport à l'auditeur, ou au lecteur, à l'interlocuteur, au discours d'autrui, etc.). Le style entre au titre d'élément dans l'unité de genre d'un énoncé.

Bakhtine, 1984, 269 (sublinhado meu)

5. Estilo e texto – uma questão de variação

A problemática dos géneros tem vindo a adquirir uma importância crescente, no quadro dos estudos linguísticos sobre o texto¹³. Trata-se, fundamentalmente, de reconhecer que qualquer texto (enquanto texto empírico, efectivamente produzido) participa necessariamente de um género – ou modelo – que regula a relação entre a produção linguística e a situação socio-comunicativa, correspondendo portanto a uma forma de codificação, a par daquela que exerce a língua¹⁴. No entanto, como já Bakhtine sublinhou, a codificação genérica é muito mais maleável do que a codificação linguística:

Les formes du genre dans lesquelles nous moulons notre parole se distinguent substantiellement des formes de la langue, du point de vue de leur stabilité et de leur prescriptivité pour le locuteur. Elles sont, dans l'ensemble, plus souples, plus plastiques et plus libres que les formes de la langue.

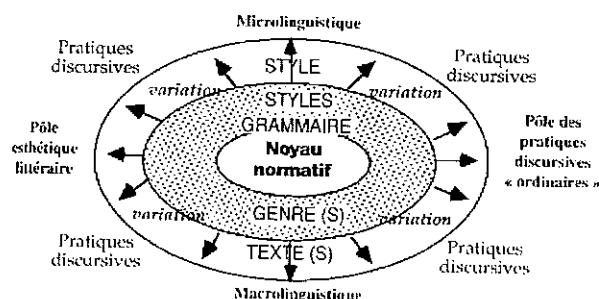
Bakhtine, 1984, 285

¹³ Veja-se, nomeadamente, BRONCKART 1996 e ADAM 1999. O caso de Adam é particularmente significativo: tendo assumido os géneros como géneros do discurso (na sequência, aliás, de Bakhtine) e projectando-os para o exterior da análise linguística do texto, as obras mais recentes tendem a falar apenas de géneros – explicitamente entendidos, no entanto, como modelos de texto (veja-se por exemplo ADAM 1999: 92-93).

¹⁴ Pode-se destacar o contributo de François Rastier, na defesa desse ponto de vista: “Il n'existe pas

Qualquer texto participa portanto de um género, que reproduz de forma mais ou menos fiel – que repete, subverte, inova ou renova. Este ponto de vista, que parece hoje bastante consensual, é apresentado por Jean-Michel Adam como uma questão de variação, a nível macrolinguístico – entre o género (ou modelo textual) e os textos (objectos empíricos, mais ou menos próximos do modelo) – a que corresponde, ao nível microlinguístico, a possibilidade de variação estilística a partir da gramática (como instância normativa). O autor distingue assim três zonas diferentes, no que diz respeito às possibilidades ou probabilidades de variação: uma zona normativa, definida pelas constantes de mais alta frequência (ADAM, 1999, 93); uma zona de relativa normatividade, a que corresponde a gramática e os géneros (com normas mais rígidas no caso da gramática, mais flexíveis no caso dos géneros, como já se viu); e a zona de variação do sistema, em que se situam o estilo e o texto. (ADAM 1999, 93). É o que mostra o esquema seguinte:

Schéma 15



reproduzido de ADAM 1999: 93

Como se pode constatar, a questão do estilo ocorre duas vezes no esquema proposto por Adam: “style” (no singular) corresponde à variação individual, enquanto “styles” (no plural) pretende dar conta dos casos de “phraséologie d’un groupe social (juridique, médicale, sportive, etc., notées “styles” dans le schéma 15)”. Explicitamente filiadas, as duas noções, na concepção de Bakhtine, Adam parece no entanto ter empobrecido consideravelmente a perspectiva de estilo enquanto componente de género (reduzindo-a, como se viu, a uma questão de fraseologia). A análise de texto que se segue pretende evidenciar outras possibilidades de entendimento da relação entre estilo e género.

de texte (ni même d'énoncé) qui puisse être produit par le seul système fonctionnel de la langue (au sens restreint de mise en linguistique). En d'autres termes, la langue n'est jamais le seul système sémiotique à l'œuvre dans une suite linguistique, car d'autres codifications sociales, le genre notamment, sont à l'œuvre dans toute communication verbale.” RASTIER, 1989, 37.

6. Análise de uma crónica de Adelino Gomes

O texto em análise – disponível em anexo – intitula-se “Tragédia da Ponte sobre o Douro”, e é assinado por Adelino Gomes; foi publicado no jornal *Público* (revista *Pública*) a 12 de Março de 2001 (pouco depois do trágico acontecimento que o título evoca). Admitamos tratar-se de uma *crónica* – género do discurso jornalístico que, autorizando a expressão do redactor (jornalista ou figura pública), revela a importância, mais ou menos polémica, de um facto ou acontecimento tido como significativo (ou que se quer fazer valer como tal)¹⁵.

Entre outros aspectos que seria pertinente analisar no texto Adelino Gomes, enquanto objecto que instancia a categoria *crónica*, será aqui privilegiada a inscrição do *eu* – ou, posta já a questão em termos linguísticos, a construção enunciativa de tipo *discurso*. De uma forma muito resumida – e, como tal, necessariamente simplificada – poder-se-á dizer que este tipo de enunciação se caracteriza pela ancoragem directa na situação de enunciação (configurada pelos parâmetros *eu-tu, aqui, agora*)¹⁶. De facto, à primeira vista, é o que se passa na crónica em análise: formas de primeira pessoa (possessivos, morfemas de pessoa, sujeitos sintácticos de primeira pessoa, sob forma de anáforas sem realização lexical); formas verbais flexionadas no presente e no futuro (tempo que marca o valor de posterioridade, na série temporal de referência deíctica directa, ou *actual*)¹⁷. No entanto, as marcas linguísticas assinaladas apenas simulam uma ancoragem directa na situação de enunciação, como facilmente se poderá constatar, observando, em primeiro lugar, alguns grupos nominais introduzidos por demonstrativo (“*este hotel*”, “*Esta carne, este peixe, estes ovos, estas alfaces*”, “*Este leite, este vinho, esta água da câmara, esta água engarrafada*”). O funcionamento deíctico não corresponde, neste caso, à mostraçāo de quaisquer objectos efectivamente presentes na situação de enunciação – trata-se antes de os tornar presentes, mostrando-os *in absentia* e, como tal, fazendo com que se tornem mentalmente acessíveis e partilhados. De igual modo, a recorrēncia do pronome pessoal de primeira pessoa não remete linearmente para uma única origem enunciativa, contextualmente aces-

¹⁵ Não se trata aqui de uma definição formal, mas de uma formulação de trabalho – assente sobre tudo no conhecimento geral do género. Pode no entanto confrontar-se a definição proposta pelo próprio jornal *Público*: “Texto de carácter mais ou menos polémico regularmente subscrito por um jornalista prestigiado ou por uma figura publicamente reconhecida”, *Livro de Estilo do Público*, parte II – Alfabeto do Público, edição *on line*, de Fevereiro de 1998.

¹⁶ Cf. BENVENISTE 1966, FONSECA 1992 e 1994.

¹⁷ Por oposição ao condicional, que marca a posterioridade, na série temporal de referência deíctica não directa, ou *inactual*. Sobre esta questão, veja-se em particular FONSECA 1994.

sível; através da recorrência da forma linguística emergem, ou fazem-se ouvir, diferentes imagens do “eu”¹⁸: “eu-viajante”, desdobrado ainda em imagens mais particulares (eu que viajo por estrada / por Itinerários Principais / de avião), “eu-errante” (eu que acampo / descanso em paz na margem do rio / dos rios)¹⁹); “eu-executivo” (que durmo em hotéis / frequento edifícios públicos), “eu-igual a toda a gente” (que aluguei casa/comprei apartamento, que como/bebo, que dependo de empresas e de marcas).

A análise que acaba de ser feita mostra que estamos perante uma construção deíctica de tipo *fictivo* ou *narrativo* – assim designada por Fernanda Irene Fonseca (FONSECA, 1992, 151-157), que tem sistematicamente posto em destaque a possibilidade de *transposição enunciativa* operada pelos deícticos (FONSECA, 1987, 1990, 1992):

(...) o marco de referência enunciativo, por essência único, pode ser fictivamente projectado numa espécie de “centrifugação explosiva” que dá origem a um número potencialmente infinito de marcos de referência transpostos, à volta dos quais se tece uma rede referencial que reproduz mimeticamente a rede referencial deíctica: quer dizer, neste processo de “translação referencial” característico do modo de enunciação narrativo, as coordenadas de referência são criadas pela própria linguagem, que se torna assim fictivamente autónoma em relação ao seu contexto de produção.

Fonseca, 1992, 153-154

No texto em análise, a deixis fictiva ou narrativa permite utilizar o lugar que o género *crónica* cede ao *sujeito*, ocupando-o com a diversidade de *sujeitos* postos em cena – sujeitos fictivos (criados pelo próprio processo de referência deíctica, de tipo fictivo) que (re)produzem as perguntas / as angústias (verossímeis) de sujeitos reais (e, nessa mesma medida, contam com a identificação dos leitores). Ter-se-á perdido, neste texto, o traço característico da crónica que corresponde à (possibilidade) de inscrição do *eu*, enquanto produtor do texto? Não, mas essa inscrição aparece quase sempre dissociada da ocorrência do pronome de primeira pessoa. Esta questão prende-se ainda, de forma igualmente curiosa, com a estruturação composicional: o texto é segmentável em unidades que, além de uma coerência semântica de tipo macroestrutural,

¹⁸ A entender *imagem* no sentido específico, distinto do de *representação*, que lhe atribui Grize: quem fala ou escreve, e o respectivo interlocutor/destinatário, têm representações (cada um de si próprio, do outro, do tema), ao passo que o discurso propõe imagens (de quem fala, daquilo de que se fala, de quem ouve). Cf. GRIZE 1990, 33

¹⁹ “Que margem de que rios habitarei? Em que margem de que rios acamparei em paz?”: ficam sugeridas as figuras do nómada, do aventureiro e do que espera a vida eterna – o último caso evocando, em particular, a própria tragédia das mortes, na queda da ponte sobre o Douro.

se estruturam e acordo com o tipo de construção referencial deíctica (fictiva ou directa) e com a função (meta)textual. Para não alongar a análise, esta aparece esquematizada no quadro que se segue.

Unidades textuais	Características
<p>Desde o início até <i>"Em que empresas, em que marcas posso confiar?"</i></p>	<p>Recorrência do funcionamento deíctico de tipo fictivo, ou narrativo, que permite ouvir uma multiplicidade de “eus” – ou vozes, ou pontos de vista. Excepção: a ocorrência do pronome pessoal de primeira pessoa, plural (“alertou-nos um catedrático”), a remeter para a coordenada pessoal da situação de enunciação que aparece aqui dilatada, se assim se pode dizer: nós – interlocutores diferidos desta crónica, nós – que acompanhamos mediaticamente os acontecimentos (e conhecemos portanto o discurso do catedrático pontualmente citado), nós – nós todos, portugueses, alertados pelo discurso (citado) de um catedrático.</p>
<p>Desde <i>"A quem punir, para que a culpa de Entre-os-Rios não morra solteira?"</i> até <i>"Como repor a confiança do cidadão no Estado?"</i></p>	<p>Marcas de ancoragem (directa) na situação de enunciação: ocorrência de grupos nominais contextualmente identificados – em particular, “Entre-os-Rios” mas também “(A) os 19 engenheiros de todos os institutos de estradas que há em Portugal” ou “a fiscalização”; valor temporal deíctico (directo) associado a formas verbais (“limitaram”, “tomaram”) e, também, ao constituinte “{d}os últimos anos”. Apesar da ancoragem directa na situação de enunciação, não ocorrem formas deícticas de pessoa. Mas o ponto de vista do sujeito enunciador – enquanto imagem do produtor (social) do texto – é claramente perceptível, em termos de valores axiológicos – dos adjetivos (“esse ridículo número”, “a perigosíssima desestruturação”), de outras unidades lexicais (“punir”, “culpa”, “erosão”, “inverter”), e dos pressupostos associados a formas derivadas (“desestruturação”, “repor (a confiança)”).</p>
<p><i>Tantas inevitáveis perguntas quantas urgentes respostas. Para nossa profilaxia, enquanto país.</i></p>	<p>Manifesta-se de novo o ponto de vista do enunciador – fundamentalmente, através do valor ilocutório assertivo (que aparece pela primeira vez). Mas ao enunciador podem corresponder duas imagens diferentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> – a do produtor do texto enquanto agente social: através, uma vez mais, de valores axiológicos – associados aos adjetivos (“inevitáveis perguntas”, “urgentes respostas”) e à escolha lexical (“profilaxia”); através da ocorrência do pronome pessoal de 1ª pessoa, plural – a ser interpretado no âmbito mais lato ([todos nós, portugueses]) definido pelo esclarecimento metadiscursivo (“enquanto país”); – a do produtor do texto enquanto agente de comunicação – através da função metadiscursiva do primeiro segmento (“Tantas inevitáveis perguntas”), a assumir, simultaneamente, a função de organizador textual (marcando o início de uma nova unidade textual)

Se a possibilidade de inscrição de *eu* pode ser vista com um traço característico do género *crónica* – um aspecto, portanto, do estilo próprio da crónica – o texto de Adelino Gomes aproveita-o habilmente: multiplicando fictivamente os “eus” que se fazem ouvir, faz ouvir a voz prevista (ou a opinião do responsável do texto) prescindindo das *marcas* do *eu*. A qualidade – que

indiscutivelmente atravessa o texto em análise²⁰ – passará por este equilíbrio entre preservação e inovação (de um traço) do estilo próprio do género? Talvez, na medida em que ficam preservadas as diferentes possibilidades de entendimento da relação entre estilo de um género e qualidade:

Une vision centripète, rhétorique et classique, verra dans le respect des normes du genre, du choix de styles propres, un indice de qualité des œuvres. En revanche, une vision centrifuge, romantique, localisera, elle, la qualité du côté de la variation géniale, singulière, novatrice. L'une et l'autre proposent une définition pertinente de la qualité...

Adam 1998:22

Anexo

“Tragédia da Ponte Sobre o Douro” – texto de Adelino Gomes, publicado no Jornal *Público* (revista *Pública*), a 12 de Março de 2001

Que pontes poderei atravessar em segurança entre as 3 500 pontes registadas no meu país? Que estradas hei-de escolher para chegar seguro ao destino? Que Itinerários Principais haverei de evitar para me proteger de um altamente provável acidente? Quais são e onde se encontram esses quatro mil quilómetros de rodovias desclassificadas e que “bóiam”, alertou-nos um catedrático, “na indiferença técnica”? Em que aeroporto poderei embarcar? Em que aeroporto poderei aterrhar? Que margem de que rios habitarei? Em que margem de que rios acamparei em paz? Cumpre este hotel as normas de segurança contra incêndios? Não ameaça ruína este edifício público que preciso de frequentar? Esta casa que aluguei, este apartamento que comprei, quanto tempo de vida útil lhe deixaram, aos canos às paredes aos chãos à instalação eléctrica, as margens de lucro que o construtor e o vendedor nela garantiram? Qual a percentagem da Lisboa edificada que se desmoronaria em sismo de grau igual ao de Seattle? Esta carne, este peixe, estes ovos, estas alfaches, posso comê-las? Este leite, este vinho, esta água da câmara, esta água engarrafada, posso ingeri-las? Em que empresas, em que marcas posso confiar? A quem punir, para que a culpa de Entre-os-Rios não morra solteira? Aos 19 engenheiros de todos os institutos de estradas que há em Portugal? Aos que limitaram a fiscalização a esse ridículo número? Àqueles que antes dessa decisão

²⁰ Como é evidente, ficam por analisar muitos outros aspectos do texto que seriam pertinentes, numa perspectiva de estilo(s).

outras tomaram levando à erosão da componente técnica da Administração Pública em Portugal? Como inverter a perigosíssima desestruturação dos órgãos e instituições públicas do Estado dos últimos anos? Como repor a confiança do cidadão no Estado? Tantas inevitáveis perguntas quantas urgentes respostas. Para nossa profilaxia, enquanto país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J.-M., 1997a. *Le style et la langue*, Lausanne-Paris, Delachaux & Niestlé.
- ADAM, J.-M., 1997b, "Unités rédactionnelles et genres discursifs: cadre général pour une approche de la presse écrite", *Pratiques* 94, 3-18.
- ADAM, J.-M., 1998, "La qualité des productions discursives: réflexions théoriques et études de cas", *Cahiers de Linguistique Française* 20, 13-29.
- ADAM, J.-M., 1999, *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*, Paris, Nathan.
- BAKHTINE, M., 1984, *Esthétique de la création verbale*, Paris, Gallimard.
- BALLY, Ch., 1951, *Traité de stylistique française*, Genève, Georg.
- BALLY, Ch., 1952, *Le langage et la vie*, Genève, Droz, *Cahiers de Linguistique Française* 20, 1998 (Le discours écrit: qualité(s), spécificités, et acquisitions) apresentado por A. Auchlin.
- CARVALHO, J. H. de, 1967-1983⁶, *Teoria da Linguagem*, vol. I, Coimbra, Coimbra Editora.
- CHISSL, J.-L., 1998, "Le discours écrit entre modèle(s) et style(s)", *Cahiers de Linguistique Française* 20, 129-138.
- CHISSL, J.-L. & Puech, Ch., 1999, "Langue, écriture et style: relativité historique des partages disciplinaires", *Le langage et ses disciplines. XIXe-Xxe siècles*, Bruxelas, Duculot.
- FONSECA, F. I., 1987, "Referência, 'translacção' de referência, e 'excesso referencial': uma leitura do 'excesso' em dois textos de Óscar Lopes", *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*, vol IV, Porto; também in Fonseca, 1994, 75-86.
- FONSECA, F. I., 1990, "Dependência contextual e transposição fictiva: contributos para uma abordagem enunciativa da ficção", *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto; também in Fonseca, 1994, 87-103.
- FONSECA, F. I., 1992, Deixis, *Tempo e Narração*, Porto, Fund. Eng. António de Almeida.
- FONSECA, F. I., 1994, *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora.
- GENETTE, G., 1991, *Fiction et diction*, Paris, Seuil.
- KARABÉTIAN, Étienne, 2000, *Histoire des stylistiques*, Paris, Armand Colin *Langages* 118, 1995 (Les enjeux de la stylistique). *Le français aujourd'hui* 116, 1996 (Styles).
- MOLINIÉ, Georges & Cahné, Pierre (dirs.), 1994), *Qu'est-ce que le style?*, Paris, P.U.F.
- RASTIER, F., 1989, *Sens et textualité*, Paris, Hachette.
- RASTIER, F., 2001, "Stylistique et linguistique des styles", *Arts et sciences du texte*, Paris, P.U.F.